VOX POPULI

OMBUDSMAN DA *FOLHA DE S.PAULO*, **VERA GUIMARÃES** FALA SOBRE PLURALIDADE DE OPINIÕES NO JORNAL, IMPARCIALIDADE E VISÕES APOCALÍPTICAS SOBRE O FIM DO IMPRESSO

POR DANÚBIA PARAIZO
SUBEDITORA DE REVISTA

FOTOS: ALF RIBEIRO

"Viu só? Ainda sou cumprimentada na redação. Isso é bom sinal, né?", brinca a jornalista Vera Guimarães Martins, do jornal *Folha de S.Paulo*, durante sessão fotográfica para IMPRENSA. Ombudsman do veículo desde abril deste ano, Vera tem a missão de representar a voz do leitor no jornal, fazendo, muitas vezes, o papel de advogada do diabo, ao apontar falhas no trabalho dos colegas. O ofício, às vezes, rende alguns bicos e olhares tortos, como a própria admite, mas justiça seja feita: ela também é hábil defensora do jornal, quando pertinente e necessário.

"Ao contrário do que alguns leitores acreditam ou gostariam que fosse, eu não mando na redação. Sou mais uma opinião, uma visão do leitor. Não tenho caráter definidor, mas a redação ouve muito e há uma convivência muito produtiva".

Décima segunda jornalista a ocupar o cargo, que em setembro completa 25 anos, Vera substituiu Suzana Singer, que esteve na função de 2010 até abril deste ano. Mal começou seu mandato e a nova representante dos leitores já teve coberturas difíceis para avaliar em sua coluna dominical e também nas críticas internas diárias. A Copa do Mundo, por exemplo, foi a primeira prova de fogo.

Em entrevista à "Folha Poder", a jornalista disse que não só a capacidade do Brasil seria testada no torneio, mas do jornalismo da *Folha* também. Passados alguns meses, ela reafirma que a paixão contaminou a redação, e que o veículo se tornou torcedor. "Fiz algumas críticas que a redação não concordou, mas acho que a vitória da Seleção não merecia uma manchete em cinco colunas. Acho que perder da Alemanha de 7x1 não é o 11 de setembro. Foi chocante? Absolutamente. Usar 'vergonha', 'decepção', 'ultraje'? Menos, né?".

Com uma rotina diária que inclui o diálogo via *e-mail* com 35 leitores em média, Vera conta que sua experiência tem sido positiva, apesar de, às vezes, tomar sustos com mensagens mais exaltadas. "Às vezes você recebe a primeira mensagem e ela é uma bomba, a pessoa escreve em caixa alta, berrando com você. Então, paro e digo: vamos discutir critérios. E aí explico como funciona. Digo: 'você está reclamando sobre determinado viés, mas será que também não há um viés na sua posição?' Acaba sendo um diálogo positivo".

À IMPRENSA, a jornalista falou sobre a pluralidade de opiniões defendida pela *Folha*, da busca pela imparcialidade e neutralidade política em tempos de eleição e sobre o futuro do jornalismo impresso.

NÃO HÁ PROBLEMA NENHUM EM ASSUMIR UMA CANDIDATURA, MAS A *FOLHA* TEM UM PERFIL DIFERENTE

IMPRENSA – ESTAMOS ÀS PORTAS DAS ELEIÇÕES. DIANTE DA CLAREZA DE POSICIONAMENTO QUE PREGA O JORNAL, O LEITOR NÃO COBRA QUE A *FOLHA* SE POSICIONE SOBRE QUAL CANDIDATO APOIAR?

Vera Guimarães - Não há problema nenhum em assumir uma candidatura, mas a *Folha* tem um perfil diferente. Você não vê no *Estadão*, por exemplo, uma gama tão ampla de opiniões de A a Z do espectro político representado no jornal ou no site. Há uma tendência e não há um erro nisso, que fique claro, que os veículos deem maior representatividade para quem não defenda os extremos. Você não tem um Guilherme Boulos, por exemplo, que é considerado um radical ou um Reinaldo Azevedo. A *Folha* tem os dois. Essa filosofia da imparcialidade está profundamente entranhada no projeto editorial da *Folha*. Não que não possa mudar. Isso é reavaliado de tempos em tempos, ainda mais nos últimos anos, que as coisas têm mudado com rapidez.

AO SE POSICIONAR, HÁ O RECEIO DE O JORNAL COMPROMETER SUA IMPARCIALIDADE?

As pessoas dizem que não tem importância nenhuma [os veículos] se posicionarem, que é mais honesto assumir, mas o que os leitores partidarizados procuram em uma hora dessas é um discurso para desqualificar sua informação. Digamos que a gente assuma a candidatura da Dilma. Qualquer matéria que eu publicar contra o Aécio Neves é desqualificada muito rapidamente. Explico para o leitor que a *Folha* é apartidária. No ponto de vista político, preferimos a neutralidade. Acho que isso é o melhor. Assumir é muito mais uma armadilha. Não cabe ao jornal dizer 'olha, este é meu candidato'. O poder de um jornal é muito grande e o fato de você declarar uma preferência é uma ingerência indevida. Você acaba, querendo ou não, fazendo cabeças. E o papel do jornal é mostrar e o leitor decidir.

RECENTEMENTE, VOCÊ COMENTOU EM SUA COLUNA SOBRE O ESPANTO DOS LEITORES COM O POSICIONAMENTO DE UM COLUNISTA SOBRE O CONFLITO ENTRE ISRAEL E PALESTINA. A PLURALIDADE ABRE PRECEDENTES PARA EXTREMISMO?

Isso é liberdade de expressão. Evidentemente, a *Folha* não tem colunistas que defendam que devem ser mortos todos os israelenses ou palestinos. Há o filtro de não defender posições extremas. Mas essa questão do extremismo é complicada. Se for pensar, nos anos 1970, Yasser Arafat era considerado um terrorista. Ao longo do tempo, ele foi sendo reconhecido como um interlocutor importante do povo palestino. O tempo vai transformando os extremismos em algo mais aceito pela dinâmica social. Tenho cuidado com as palavras “extremismo” e “radical”. Elas têm diferentes significados na cabeça de cada um.

COMO AVALIA A COBERTURA DO JORNAL SOBRE A COPA DO MUNDO? A ISENÇÃO E O EQUILÍBRIO FORAM ALCANÇADOS?

Tenho certeza que a redação discorda de mim, mas acho que não foram alcançados. A imprensa de forma geral, mas prefiro falar apenas da *Folha*, virou torcedora. Numa determinada hora a gente foi crítico e depois, quando o time entrou em campo, viramos torcedores. Tinha medo, na verdade, do inverso. Que houvesse uma má vontade com o torneio por conta do pessimismo que se verificava antes dele. Fiz algumas críticas na minha coluna interna com as quais a redação não concordou, mas acho que a vitória da Seleção não merecia uma manchete em cinco colunas. Acho que perder da Alemanha de 7x1 não é o "11 de setembro". Foi chocante? Absolutamente. Usar "vergonha", "decepção", "ultraje"? Menos, né? Não consigo imaginar grandes jornais lá fora fazendo a mesma coisa. A paixão contaminou.

QUANDO O CARGO DE OMBUDSMAN FOI CRIADO, ELE SURGIU PARA INTERMEDIAR O DEBATE ENTRE O JORNAL E O LEITOR. HOJE, COM AS REDES SOCIAIS, EM QUE TODO MUNDO PODE ABERTAMENTE COLOCAR SUAS OPINIÕES, O PAPEL MUDOU?

O leitor agora fala diretamente para o círculo de pessoas com quem ele interage. Até agora estou formando uma convicção a esse respeito, mas tenho muito claro que o leitor que me procura é por estar interessado em manter um diálogo com o jornal. E para esse leitor eu dou toda a atenção. O leitor que fala na rede social, não está preocupado em dialogar com o jornal ou com a ombudsman, então não é minha prioridade. As redes sociais são importantes, mas o papel do ombudsman não é o de zelar pela imagem do jornal, muitas vezes, é o contrário. As críticas que faço pesam mais contra o jornal do que um comentário na internet.

VOCÊ ESTÁ NO CARGO HÁ QUATRO MESES. QUAIS ERAM SUAS EXPECTATIVAS QUANDO ENTROU?

O trabalho que faço com os leitores é discutir critérios. O porquê de as coisas acontecerem assim ou assado no jornal. Se eu acho que o jornal está errado em determinada situação, digo isso claramente. Mas, quando as críticas se referem a valores jornalísticos ou ao projeto editorial, o leitor, muitas vezes, desconhece isso. Então, ele pode aceitar ou não, mas geralmente a aceitação é muita positiva. Eu não tinha essas expectativas antes de assumir o cargo. Às vezes, você recebe a primeira mensagem e ela é uma bomba, a pessoa escreve em caixa alta, berrando com você. Então, paro e digo: vamos discutir critérios. E aí explico como funciona. Digo: "Você está reclamando sobre determinado viés, mas será que também não há um viés na sua posição?". Acaba sendo um diálogo positivo.

VOCÊ TAMBÉM SE DEDICA A RESPONDER COMENTÁRIOS PUBLICADOS NA FOLHA.COM?

Não, mesmo porque não daria conta. Além do mais, comentário é opinião. Eu não tenho porque responder a uma opinião. Cada um pensa e defende o que acredita. Posso tentar um diálogo com o público que me procura. Mas, na confusão das redes sociais ou dos comentários on-line, acho que não faria sentido nem a menor diferença. Meu papel é discutir certas questões, pegar o leitor que reclama de determinada questão e dar o devido encaminhamento na redação. E cobrar como isso pode se resolver.

COM A URGÊNCIA DO IMEDIATISMO E DO FURO, PRINCIPALMENTE NA INTERNET, ABRE-SE MAIS ESPAÇO PARA OS ERROS, COMO COM O SÓSIA DO FELIPÃO. HÁ COMO PRIORIZAR O FURO SEM CORRER RISCOS?

Tenho uma posição muito pessoal sobre furo na internet. Furo é um conceito de impresso. Na internet, ele dura cinco minutos, se tanto. A partir do momento que coloca ele no ar, você está sendo copiado. Importa você ser o primeiro a dar, mas mesmo que outro veículo já tenha dado a notícia, ainda assim resta o desejo da redação do on-line de botar a informação logo para o leitor, e você corre muito risco de erros. Se a gente dá um monte de "erramos" no impresso imagina no digital. O on-line tem uma vantagem que você pode corrigir mais fácil.

COMO A REDAÇÃO RECEBE SUAS CRÍTICAS? HÁ UMA MUDANÇA DE POSTURA A PARTIR DELAS?

As recomendações feitas pelo ombudsman são muito levadas a sério. Ao contrário do que alguns leitores acreditam ou gostariam que fosse, eu não mando na redação. Sou mais uma opinião, uma visão do leitor. Não tenho caráter definidor, mas a redação ouve muito e há uma convivência muito produtiva nisso. Diariamente distribuo uma crítica interna que vai para todos os membros da redação, além dos colunistas. Ainda que não coloque o nome, faço uma referência à matéria, o que não é agradável. Evidentemente você tem alguns olhares tortos ali, bicos e tal.

AO CONTRÁRIO DO QUE ALGUNS LEITORES ACREDITAM OU GOSTARIAM QUE FOSSE, EU NÃO MANDO NA REDAÇÃO. SOU MAIS UMA OPINIÃO, UMA VISÃO DO LEITOR

O IMPRESSO AINDA TEM UM IMAGINÁRIO, UMA COISA MUITO FORTE. TANTO É QUE MUITO DO QUE SAI EM REDE SOCIAL É CONTEÚDO REPERCUTIDO DOS JORNAIS

Estou muito no começo ainda, mas suponho que se percam algumas amizades ao longo do tempo. Mas é uma convivência muito cordial.

APESAR DAS ANÁLISES QUE DECRETAM O FIM DO IMPRESSO, O MEIO CONTINUA COM CREDIBILIDADE. O QUE SUSTENTA O PRESTÍGIO DO IMPRESSO ANTE O DIGITAL?

É interessante que não é só parte do leitorado que tem certo fetiche pelo impresso. É também o repórter e as fontes. O repórter, por mais que ele saiba que será lido por milhares de pessoas no digital, talvez um número até maior que no jornal, o impresso parece ainda ter mais prestígio. O impresso ainda tem um imaginário, uma coisa muito forte. Tanto é que muito do que sai em rede social é conteúdo repercutido dos jornais. A gênese da notícia ainda está no impresso. Claro que se você olhar o conteúdo on-line de agora já é muito melhor do que era há cinco anos. Os processos vão melhorando. Por enquanto ainda é uma mistura de gente com os pés nas duas canoas, mas isso vai virar uma canoa só.

A *FOLHA* É UM JORNAL PAULISTANO, MAS DE ABRANGÊNCIA NACIONAL. DE QUE FORMA O JORNAL TRABALHA PARA FAZER ESSA COBERTURA?

É difícil porque o Brasil é muito grande. Manter uma rede nacional de correspondentes, ainda que apenas nas principais capitais, já é uma realidade impraticável. Você não tem como sustentar custos dessa magnitude. Por enquanto você tem correspondentes nos lugares mais importantes ou que sejam geograficamente mais interessantes, porque se pode mobilizar mais rapidamente. Tentar ser um jornal nacional como a *Folha* tenta é mais complicado e caro. Agora, é uma pena que a imprensa regional seja ainda fraca, escassa. Ela também sofre mais os efeitos das pressões, tanto políticas quanto de anunciantes, mas não dá para um grande jornal achar que vai resolver esse problema.

QUE FUTURO VOCÊ ENXERGA PARA O MEIO IMPRESSO DIANTE DE VISÕES APOCALÍPTICAS QUE DECRETAM SEU FIM?

É claro que a profissão de repórter não vai acabar. Você tem que ter pessoas qualificadas, bem formadas para produzir conteúdo. É muito futurista prever se o impresso vai morrer, mas já vi gente dando até o ano: o jornal vai acabar em 2043. É complicado porque os mercados são completamente diferentes. Um especialista quando fala isso do mercado americano, ele está falando de um cenário completamente servido por impressos e que cada cidadezinha tem seu jornal, e os nacionais têm tiragem altíssima. Esse não é o cenário do Brasil. Quem lê jornal impresso aqui ainda é a minoria.

COMO É SUA ROTINA? QUAL É A MÉDIA DE LEITORES QUE ATENDE POR DIA?

Quando você vira ombudsman não tem mais sábados e domingos livres. Você tem que ler os jornais nos fins de semana e, na segunda-feira, você apresenta a crítica interna de sábado, domingo e segunda. Não dá para levantar segunda de manhã e conseguir ler todos os jornais, até porque eles são mais gordinhos nos fins de semana. Essa crítica é postada por volta das 13h. Na segunda, é complicado porque temos todos esses jornais acumulados e as pessoas com um tempo maior. Então, o volume de mensagens também é grande. A média deve dar uns 35 leitores por dia, se considerarmos os picos. Já na sexta-feira é quando separo para fazer a coluna de domingo do jornal. ℹ